

3

4/4

tripti- cozinho

Poëtofobia

Artofobia

Criticofilia



ANTI-REVISTA

Gravado em madeira de
VAN TOCHE

Revisão
1972/83

DEP. LEG.

TRIPTI-
COSINHO



Poètofobía

Artofobía

Criticofilía

ANTI-REVISTA

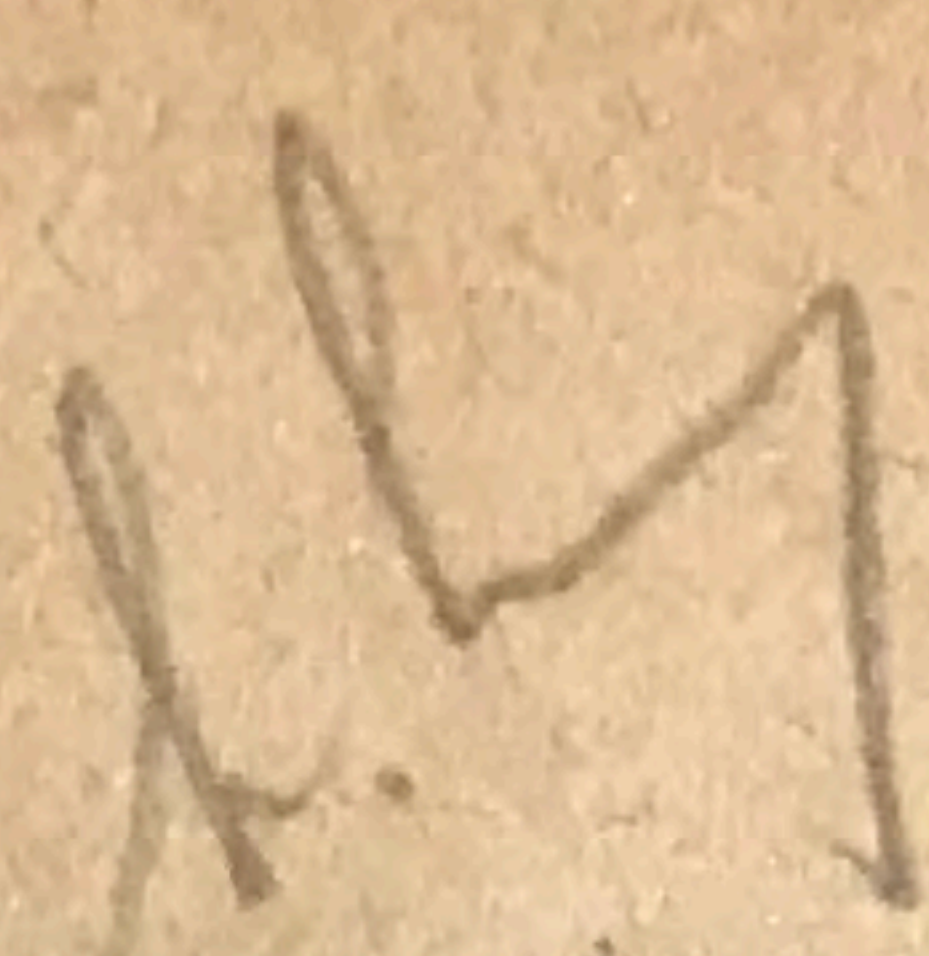
N.º 86333

Editor:

Manuel Antunes Xavier Monteiro

Cóimbra, 4-924.

19. h. 25



DÉLIVRANCE

TRIPTICUS PARTURIENS

Estar de esperanças!

Estar de esperanças é o aneio da natureza que se quer reproduzir e manter, segundo a fórmula bíblica.

Não disse o Proféta cresci e multiplicai-vos?!

Como legítima esposa que é do Dr. Intelectuais, D. Triptica (!), concebeu, foi anunciada quando estava a termo e... deu à luz.

Mas o que pariu D. Triptica?

Um minuto de atenção. Primeiro o parto:

A cama, num quarto estofado de verso e prosas malabares, em direcção norte-sul, bom prognóstico, continha a parturiente D. Triptica que, na posição da revisteira capa, estava consoante as regras da obstétrica.

Dr. Crítico Mordáz, parteiro de mundial fama, tendo desinfectado as suas escarpelissantes mãos com meia dúzia de romances do Júlio Dantas, braços a descoberto, onde sobresaíam as cêrdas, quais espinhos, aplica o forceps « Seara Nova ».

Aos tratores puxavam os fundadores da « Federação Intelectual Portuguesa ».

(!) Dá vulgarmente pelo nome de revista o « Triptico ».

É conveniente notar que o forceps era em *Ferro*.

.....
 O Papá do menino vindouro, Dr. Intelectuais, recitava, nêste doloroso transe, em verso, as páginas de prosa, duras de roer, do Julião Quintinha, confiante nas suas propriedades analgésicas e excitantes da fibra uterina.

Esteve a ponto de fazer-se a anestesia geral com os « Versos da Beira » do poeta ilustre que cantou o *Cancâro* e o Instituto Anti-Rábico.

Um primeiro puxão do forceps, não deu resultado; praticou-se a episiótomia com a tesoura bem cortante do « Saude e Fraternidade ». O caminho agora estava aberto e o forceps puxado violentamente, depois do *sol-si-mi-dó* cantado em coro pelos circunstantes apresentou um menino de olho arregalado que, numa indiscrição infantil, começa de fazer perguntas:

Uh! Egua. Como estou eu aqui?

Como é que a mamã D. Triptica me deixou ver a luz do dia e da intelectualidade?

Como é que a mamã no seu estado interessante se deixou expor nas montras dos livreiros?

. . Como é que fizeram o parto sem rasgar o saco da *Corrente Calamo*?

E, enrolando, num ar galhofeiro e de grande marióla, o cordão umbilical em torno dum pião, pergunta ainda ao parteiro:

Ouve lá, ó coisinho, quem te autorizou a puxar-me?

D. Triptica assustada com um piscanço d'olho do néófito tenta novamente recolhe-lo.

O catraio assustado, arregala mais o olho e exclama :

— Essa agora não é má! Agora que tenho o pião enrolado, que quero que os intellectuais o aparem á unha!.. Não mamã, és muito instruída, mas nessa não caio eu!...

O Papá do ladino quiz requerer o divórcio, mas bem convencido pelos assistentes resolveu continuar amancebado com D. Triptica. Esta desfaleceu, e creio que não há esperança de dar um outro número.

O menino, marôto e traquina, falando de tudo e de nada, ides vós desfolhá-lo.

Ei-lo.

LEDE E DIVULGAI

A POESIA NÃO EXISTE

A poesia não existe. É uma afirmação ousada? Não; porque o vamos provar.

O que é a poesia?

Na expressão dos antigos e modernos definidores: — é a arte de dizer no verso, com harmonia e ritmo, o sentimento.

É falsa, erronea e vã tal definição, até incompreensível porque o sentimento não passa duma impressão levada ao cérebro, centro receptor, por um nervo — representando o fio — que conduz a sensação, ora sensacional, ora sensitiva, por vezes sentimental, sensível, sensata, sensibilizante, sensorial, sensaborona, sensual e sem senso, sensatez ou razão de ser.

A poesia é a parvoíce rimada. E', sim senhor; ninguém tem nada com isso. E eu cá ralado!

E' parvoíce porque harmónia tem a quimica e ritmo tem o movimento uniforme. E nunca deram de comer a ninguém.

Que ganhou Camões, com os seus Portuguesiadas, (vulgo Lusíadas) senão morrer à fome, apanhar uma pneumonia para os arrancar da boca de uma pescada que lh'os roubara e deixar de casar com Catarina?

Que ganhou Garrett com os seus versos, ditos inspirados? Cresceu-lhe porventura o cabelo?

Não e não (bis) e se não fôra a fortuna que os seus velhotes lhe legaram teria morrido à fome com Bernardim Ribeiro, o menino e moço

e D. João de Castro (vulgo D. João das Barbas) que, felismente, teve o recurso de hipotecar as ditas para tomar as últimas canjas — coisa que abundantamente distribuiu aos indios.

Que ganhou o António d'Anto com o seu Só, senão morrer tuberculoso?

Que lucro tirou o José Duro (e bem forte ele foi) com o seu Fel, senão succumbir a uma tísica?

Que lucrou o Soares de Passos com os versos, alem de ir noivar para o sepulcro?

Sim! Ninguem tem nada com isso disiamos nós, pois bem, continuamos na mesma ordem de ideias, porque diz o Papa missa?, para que proibiram a camoéca pública na América senão para fazer a apologia da privada? não inventou o Moura Marques o canal da Figueira a Coimbra que se tem usado como linimento desopilatório? não faz a Sociedade de D. e propaganda de Coimbra a defeza de Penacova?

Pois então! E que tem isso.

A poesia é assim, patetice, basta.

« Andam p'ra ahí certos meninos » ; olé se andam, que usam o apelido do poetas á fôrça de serem citados e de fazerem versos. Ora os tolos! Nem sequer reconhecem que se convenceram d'um grandississimo dislate!

Serão poetas? Nunca; patetas, sim.

O poeta nunca existiu. A poesia é considerada sentimento, êste não se materialisa, logo não há matéria poetica ou sentimental, ou por outra, não há sentimento reduzido a matéria.

O sentimento poetico é imponderável, não é portanto matéria porque esta tem peso e não havendo peso ⁽¹⁾ não há *espírito* ⁽²⁾. Não há espírito poetico, não há matéria poetica; não havendo d'esta matéria prima, não pode existir sentimento poetico e não havendo género d'esta última qualidade não há poesia... ou duas coisas iguais a uma terceira deixam de ser iguais entre si.

Q. E. D.

R. I. P.—De Profundis poesice—Ruão. Rua do Papa Negro.

BALISTICO CAPITOLIUS. GATUS PINGADUS.

Anus I.º Poetofobice era. Primum Mensis.

(1) Peso nas barbatanas.

(2) Espírito vinico.

PAGINA CHATA

A ARTE

(TENTATIVA DEFINIDORA)

A arte é estilisação do pensar.

Pois é!

A arte é a reprodução, a fixação da beleza, á telã, á pedra, á madeira, etc.

Pois é!

A arte é o atributo dos artistas.

Pois é!

A arte é a expressão da originalidade da intelligencia.

Pois é!

A arte é o Brotéro do Jardim Botânico.

Pois é!

A arte é a estátua, sem luvas, do D. José I.

Pois é!

A arte é a Porta-Férrea.

Pois é!

A arte é a operação cesariana da visão.

Pois é!

A arte é a rachi-anestesia dos sentidos.

Pois é!

A arte é a laparatomia da vulgaridade.

Pois é!

A arte é o reumatismo blenorragico com complicações splancnicas da Intellectualidade, tratado pelo reconstituente « Vanidol » da Farmacia do Castelo de Coimbra.

Pois é!

A arte é a arte!

Pois é!

A arte é uma chatice.

Assim é que é!

E depois?

A CONFISSÃO

« Quando faço um livro, vai sempre sem nome. E' como uma creança sem pai nem mãe ».

VIRGINIA VITORINO.

Da sua confissão ao « Diário de Lisboa » n.º 900 de 15-3-924. n'uma entrevista com Artur Portela.

Que Herculano havia escrito o Eurico o presbitero, sabiamos nós, que o presbitero Portela desse em padre Artur, essa é que nem pelo diabo nos passava pela mente!

Que a sr. D. Virginia fosse católica não nos surpreendia, mas que adotasse a máxima « confessai-vos uns aos outros » também nem por um raio se nos encasquitava na pinha!

Esta de dizer que os livros não teem pai nem mãe, é muito boa!

Que pena já ter acabado a Roda?

Então os seus versos são órfãos; e nós que ignoravamos.

Vamos abrir uma subscrição com êste título: *Para os órfãos poeticos, da poetisa Vitorino.*

E n'um officio recomendamos à « Sociedade Protectora dos Animais » o infausto acontecimento.



MAU HUMOR

Acordei hoje mal humorado.

E porquê?

Porque sonhei com a Clarinha, e por isso ri.
Porque não havia de rir, apesar do mau humor? E porque ri?

Seria por ter tomado o *chá das cinco*?

Não, hontem tomei café.

Por me lembrar da arca de Noé?

Também não, há muito que não leio a Bíblia.

Então?...

Não sei, mas lembrei-me da Judith Teixeira, da Stichini, da Fernanda, da Resende, da Amélia, do Robles, da Leão, do Botto, do Fortes, do Chico, da Maria Carvalho, emfim, de todo o sexo frágil...

E então?...

Estava mal humorado... e ri.

O rir não é exclusivo dos tolos, mesmo quando se não sabe de quê.

Eu ri e não me tenho por tolo.

E ao certo, não sei bem de quê!

Mas ri, e lá que eu ri, ri.

Esta associação de ideias foi um facto.

E por isso, ri. Mas não foi bem por isso.

E porque ri?

Não tinha lido as « Cartas do meu Ermo », nem o « Livro de Horas », nem as « Terras do Fogo », nem a « Zilda » nem tão pouco a « História de Portugal » do Herculano!...

Tinha lido os « Balões Venesianos »?

Não. E no entanto ri.

Mas porque ri?

Não tinha lido « O Creacionismo » ; não tinha lido o jornal dos maiores Norbertos Mansos, nem o « Diário do Govêrno ».

O que é certo é que ri. E ri muito.

Ri, ri, ri e tornei a rir, porque ri?!

Do que foi? Espera, quási me lembro.

Foi porque...

Não me recordo. Ri, isto é que eu sei.

Ri e ri muito.

Mas, que coisa engraçada! Sonhei com a Clarinha, acordei mal humorado e ri, apesar de minha avó, liguei nomes e ri, e ri muito. Vamos a ver, talvez me lembre. Mas, não...

Ri e ri a bom rir, Ri, Ri.

E' certo, ri, tenho a certeza que ri. Ri, ri.

Agora já não rio, mas depois, quando acordei, ri, e não tinha lido os versos do Pimenta nem do Sardinha, nem os artigos do Luis Costa, nem ouvi nenhum concerto ao Ruy Coelho, nem li o « D. Sebastião », nem os poemas de João de Castro Osório.

Mas ri e ri muito. Ri tanto, que me rebebtaram os coses do colete.

Ri, ri, ri, ri, tornei a rir.

Não tinha lido a « Seara Nova » nem os versos do Casimiro.

Mas ri. Ai que bom, ri e ri e ri.

Até já me doía a barriga de tanto rir.

Ri e ri de vontade; era uma risota!...

Agora me lembro...

E' que *rira bien que rira le dernier.*

E' engraçado. Continuo mal humorado.

UMA DESCOBERTA!?

(Excerto d'um fragmento do Poema, inédito «Inez de Castro» do mais illustre poeta português, Dr. Eugénio de Castro e publicado pelo Figueirense).

Inez, com amargura:

Seja o que Deus quizer!

Tirando do seio uma medalha e entregando-a ao Infante:

*Toma! Leva contigo
Esta medalha d'ouro, ainda quente, e que
exala
Ainda o aroma do meu seio, ó doce amigo!*

Pedro, abre a medalha, e encontrando lá dentro o retrato de Inêz, põe-se a fita-lo extasiadamente:

*Que bem que está! Olha para mim...
Quási que fala!...*

.....
Que dissabor para os Franceses que tão bem acolheram este Pombalino nome, o ano passado!

Que decepção para os historiadores da Física!

Não foi Daguerre quem inventou a máquina fotográfica, mas sim um vulto qualquer que, vivendo anteriormente, o sr. Dr. Eugénio de Castro em breve descerrará n'uma comunicação em prosa rimada à Academia das Sciencias.

Consta-nos que foram seus colabaradores n'esta memória fotográfica, o Rasteiro e o Tinoco.

Os poetas teem d'estas!...

DIALOGO

(Excerto de uma conversa entre Apolo (mármore) e Venus de Milo (a dos braços partidos).

(A piada está no fim)

APOLO — Que... que, tris... tristeza a nossa! Vi... vi... viver sete se... cu... cu... culos amarrado ao mármore! Somos vi... vi... vitimas da arte. (*Apolo é gago. Se não sabiam, aprendam. Não há beleza sem senão*):

VENUS — Beleza! Arte! Mas que é isso?

APOLO — (*Desanimado*) O que nós somos! (*Vaidoso, agora nem gaguejou*).

VENUS — Mas tu, meu querido, és gago.

APOLO — (*Vivacidade*) Sou ga... ga... gago, sim. E... e... e tu es ma... maneta!

VENUS — (*Aborrecida*) E' da mais elementar educação não lembrar os defeitos físicos. Também tu! Tu és mal...

APOLO — (*Energico*) Sim. Mas... mas porque não tens... tens tu braços?

VENUS — (*Meiga e soluçante*). Oh! Meu querido Apolo, meu adorado noivo marmóreo a quem os homens chumbaram ⁽¹⁾ á pedra. Escuta-me, vou contar-te a minha estranha história. (*Apolo vivamente interessado, n'um supremo esforço consegue inclinar um pouco o mármore do pescoço para ouvir melhor*).

(1) Chumbar — sinonimo de esculpir.

VENUS — (*Continuando*). Quando outr'ora encontrei na *Via Apia* da velha Roma (*nm suspiro de mau odor*) o meu primeiro namorado, beijei-o com ardor. (*Fês menção de bater palmas o que só conseguiu em pensamento, faltava-lhe o melhor*). Minha mãe, Gioconda, que me acompanhava contou na volta a casa, a meu pai Hercules, o meu feito. (*Pausa*).

(*Apolo tem movimentos fisionomicos*).

VENUS — (*Chorando marmóreas lágrimas que vão cavando... cavando sulcos na matéria da sua face*). Meu pai bateu-me e eu, meu querido, n'um desespero impensado, como havia sido aluna de S. Francisco ⁽¹⁾, para o amedronar apresentei-lhe as armas do meu mestre. (*O peito petreo de Venus agita-se*). Pegando n'uma serra mecânica e n'um maçarico oxidrico o barbaço de meu pai deixou-me assim! (*Toda a arte se contorce convulsamente com Venus*). Eis a minha triste história, meu noivo amado.

APOLO — (*Indignado, tremendo-lhe todo o mármore*). Ho... ho... horror. (*Tem-se levantado subitamente um grande vendaval que lhe leva a folha de parra. Venus surpresa toma a côr d'um pimentão. Volta a cara para o lado e mastiga um bocado de queijo flamengo. Passa um transeunte*).

TRANSEUNTE—(*Dirigindo-se a Venus*) Como é que a senhora, quando está *constipada* ⁽²⁾ consegue limpar o... o nariz?!...

(1) Habita hoje a California. Estado indefeso da China branca.

(2) Constipar vem de *constipation* (palavra gaulesa).

QUESTÕES ORTOGRAFICAS

OPINIÕES:

Os RR e os FF devem desaparecer?

- 1) « Agora que se pretende aperfeiçoar a lingua e que se tenta fazer um padrão, tal como o metro de platina, somos pelo desaparecimento d'essas inestéticas letras ».

(a) *Academia das Sciencias de Portugal.*

- 2) « Essas lêtas não teem âção de existi! Tenho feito muitas edições da minha *Via Sinuosa* sem usá os RR e quanto aos FF desde que bati no Alfêdo Pimenta deixei de adóta-los como genê-o de pimei-a necessidade ».

(a) *Aquilino Ibeio.*

- 3) « Eu cá sou pela lei do menó es-ôço. Não gosto do *stâgle-ó-lai-ando*.

Esquêvo sem essas malditas gutúais, pôquê meu Tio assim qué-e.

(a) *João Ammmeal.*

- 4) « Não posso, sem co-à, falá n'essas lêtas. Os FF não me pêtubam.

Mudei a minha assinatú-a devido a essas gââtujuas mal-sonantes. Pô isso o meu livro se intitula « *Búmôlandia* ».

(a) *Victô-Ino Neme-é-é-é-sio.*

- 5) « Ao meu livro chamei « *Jadim Êchado* » pãã não disê abéto. Evito essas infames consoantes ».

(a) *Campos de Figueiêdo.*

- 6) « No meu « *Soldado que vais à gué-a* » vou n'uma nova edição, cotá todas as disonantes lêtas (RR e FF).

Vou compá um dicionário de imas poeticas sem esses impudicos simbolos ».

(a) *Cô-Éia de Olivei-a.*

- 7) « Sou pô uma mais táta extinção. Os LL devem tansquêvê-se em TT. Já comecei a esquivinhá pô esta maneiã. E có-ei quando esquevi a antiga — lêta... ».

(a) *Viginia Vito-Ino.*

- 8) « Qué-lo os LL. Não qué-lo FF nem RR. Abaixo o 6.º e 18.º simbolo do alchâbêto. Viva a lêta 12.ª ».

(a) *Banca de Gonta Cóláço.*

- 9) « Na esquita só admito a pontuação ».

(a) *Augusto de Casto.*

UMA OPINIÃO CONTRARIA

- 10) « A reticencia é a razão, razoável, racional, radical, radiante, republicana, renitente, remelada e reluzente da prosa.

Os RR são a essencia trilogica da escrita. Os RR são indispensáveis á indignação do povo portugûês. Os FF são indispensáveis para ordenar e mandar. Os meus mais belos raciocinios estão nas reticencias com que escrevo!

Remato, rememorando a reminiscencia remocante da infancia.

Que os remelosos, relutantes, ressequidos, remocados e renunciantes dos RR se rendam!

Repenico o R ».

(a) *Manuel RRRibeirro.*

UMA OUTRA OPINIÃO

II) «Sou contrário á extinção dos RR e FF. Opto pelo desaparecimento dos QQ, KK, Ch Ch e pelo C a valer Q.

Uéro, por-uê uéro, não on-orde om estas letras e por isso omuni-o a V. Ex.^a esta minha opinião scintilante ».

(a) *Raul Brandão.*



BIOGRAFIA POETICA (ESBOÇO)

Seculo XX:

D. Diniz. — Um dos maiores poetas *seculo vintesco*, foi presidente da república viriatica e chora por ter tido a infeliz ideia de fundar as Universidades. Foi um cínico, cantava « Cantigas de escarneo e maldiser ». Foi também um bom ponto. Nenhum rei foi mais maduro que ele.

Jorge d'Aguiar. — Primeiro poeta que cantou o sport. Tinha um calo no dedo mínimo do pé esquerdo.

Os seus antepassados foram bons bicos. De toda a poesia, descoberta até essa época, preferiu abolir a função da mulher por meio de trovas contra as ditas. Era êste o seu amulêto.

Sá de Miranda. — Muito conhecido pelos *sonetos*. O primeiro futurista latino. Assoava-se à manga do casaco, coisa que muito irritava os nervos do seu médico assistente, Dr. Miguel Marcelino. Viveu quatorze dias agarrado a um eucalipto, n'uma estrada erma, para conseguir conjugar o verbo *eucaliptar*.

Barbudo e Vasconcelos. — Autor dos *Virginidos*. Tinha o poder vidente bem desenvolvido, por isso previu o aparecimento das poetisas *Virginias*. Tinha uma mala cheia de reméla que todos os dias tirava dos olhos. E, a respeito de barba tinha tanta como o João Ameal.

Thomás Ribeiro. — Um dos maiores patifes poeticos. Enganou uma «Judia» e com os sons que passam conseguiu atrapalhar o D. Martinho de Aguilar no momento em que êste... recebia a justiça de castela. Tornou-se notado pelo dente canino cariado.

Seculo XIX:

D. Sancho I. — Que roubou o póte do azeite à Mofina Mendes.

Celebre povoador zoológico, conquistou nome pelo ruído dos seus arrôtos fétidos. Diz-se que nos seus tempos foi um dos mais exímios jogadores de bilhar.

Garcia de Rezende. — Nascido em Evora, engordou muito com a bolota e assemelhava-se ao actor Chaby, não só na rotundidade mas também na maneira de dizer. Tornou-se muito celebre porque foi o inventor da cuéca. Como músico também se evidenciou: tocava tambor no regimento de caçadores 3 da Lisbia.

Cristóvão Falcão. — O Júlio Verne português. Fabricou a «Egloga Crisfal». Crisfal é uma abreviação de cristofle e por isso lhe vão erigir uma estátua no Picoto dos Barbados, por iniciativa do Dr. Torres Garcia.

Notabilizou-se porque não usava bolsos nas calças e trazia sempre as meias caídas.

Seculo XVIII:

Bernardim Ribeiro. — Poeta de truz, escreveu os seus sonetos em prosa.

Cantou as creches e maternidades para valer à « Menina e Moça ».

Era bastante conhecido no paiz, porque ao fazer *chi-chi* dava grandes saltos acompanhados de enorme gritaria. Foi rico e ganhou centenas de cruzados com o negócio das cabras.

Rodrigues Lobo. — Foi pastor protestante. Tinha uma labia de alto lá com o cacheiro! Era temido pelos seus vigários. Um dia, de conversa com o snr. Cunha Lial, entrou-lhe nas algibeiras e roubou-lhe os planos financeiros.

A policia estimava-o muito.

José Estevão. — Poeta parlamentar. Tornou-se notado porque os seus projectos de lei eram apresentados em verso alexandrino. Tinha uma excelente pontaria. Matava mosquitos com uma tesoura de podar.

Tinha a fobia do branco. Não consentia que lhe tocasem nas orelhas.

Simões Dias. — Visionário infeliz, descreveu em prosa castiça o itinerário da viagem à lua. Inventou o lenço d'assoar. Casou e teve muitos meninos.

Bulhão Pato. — Que em remotas eras atroou com uma lamuria incensada o ceu da

laracha. Foi alcunhado de Pato por ter o pé muito grande. Tinha cocegas na testa.

Séculos XVII e XVI:

Garrett. — O ídolo das mulheres a quem nunca conseguiu agradar. Foi o primeiro aviador português. Usava chinó e tinha uma corrente de relógio em plaqué. Na carteira trazia sempre pó de iodofórmio. Temia as formigas. E teve a mania de que era . . . ninguém. Foi um grande papo-sêco.

Bocage. — O árbitro das elegâncias. O patife mor. Imoral, obsceno e perverso. Engalinhou com as freiras e tentou catequisar os frades. Era sifítico . . . mas nas algibeiras. Cantava para apanhar uns cobres, para vinho. Foi a felicidade dos donos de parreiras. Tinha um hálito que era uma vergonha. Quando verão, os seus pés exalavam um desagradável cheirete.

Séculos XV, XIV, XIII e XII:

João de Deus. — Poeta maricas. Só cantava com medo. E com receio de que lhe não lessem os versos arranjou um método para ensinar os meninos. Tinha uma narina maior que outra.

Antero de Quental. — O maior humorista do seu tempo. Cantou à guitarra em Lisboa,

Porto e Coimbra em ruas que tem hoje o seu nome. Tinha cabelos vermelhos na cova do braço e uma unha encravada no pé direito. Quando era petis fazia as necessidade à janela. Morreu mordido por uma macaca.

Século XI:

Grande foi o número de poetas como êste número, principalmente os casados. Coitadinhos... foram uns beneméritos da literatura. Escreveram com tintas garridas a odisseia dos bois e das cabras; são hoje muito citados nas aulas das escolas agrícolas. Nêste período houve um poeta que foi arrebatado por um comêta.

Seculos restantes até zéro.

Apareceram vários poetas, entre eles Viriato, que se evidenciaram, uns pela mania que tinham de mamar as cabras dos visinhos, o que deu origem ao código penal, segundo a opinião maçónica do Dr. Oliveira Salazar, outros pelas eacafonias híbridas e outros ainda pelo vicio de serem empregados públicos e não comparecerem nas repartições, o que na autorisada opinião do Dr. Rocha Saraiva é contrário ao direito das gentes.

N'este período houve um poeta sem intestino e um outro a quem o barulho dos foguetes, fazia estar doze dias, tres horas e cinco minutos de cama.

Pagina musical



A MUSICA

Dò-Ré-Mi-Fá = Tra-lá-rá

E' muito lindo ser músico, de assopro, pandaria ou corda.

A música é aquela coisa que os maestros com muitas garatujas escrevem em papel, de grupelhos a cinco linhas.

A música, o gosto que os bebâdos tem ao acordar. A música é o Pum-Pum do bombo, o Tachim-Tachim dos pratos, o Fi-fi dos saxofones, o Prrô-Prrô dos contra-baixos, o Zum-Zum das moscas, o perli-perli dos rouxinóis, o caca-rá-cá das penosas o criqui-cri-qui-ri-qui dos insectos, o ré-ré dos ralos, o ão-ão dos cães, o miau-miau dos gatos, o ianum-ianum, anh-anh dos gericos, o ouff-ouff dos bois, o mûa-mûa das vacas leiteiras, o mé-mé dos franceses o coá-coá dos seminaristas, o rom-rom dos namorados, o trrô-ptô-cô das rolinhas que passeiam a baixa, o piano do Viana da Mota, a seringa do Costa Lobo, a Gazeta dos Arrobas, o concerto do Oscar e a voz do Dr. Bissaia Barreto. E' isto que é a música.

ECOS INTELECTUAIS

Consta que a poétisa Virginia Victorino vai casar. Não se sabe ao certo com quem, porque conta actualmente mais de oito mil *namorados*!

✱ Morreram as *vacas leiteiras* á poétisa Maria de Rezende.

O prejuízo foi calculado em centenas de contos.

✱ Antonio *Ferro* foi atraído a Meca, pelo *iman* de Mahomet afim de se pronunciar sobre o palpitante assunto do Kal... e... Fado do... maestro Zé Pais.

✱ Partiu para Londres o Dr. Augusto de Castro.

Sua Ex.^a, todo enfarinhado, lembrava um Vesúvio, com o *Fumo do seu Cigarro*.

✱ Realizou-se na Sala dos Capêlos uma conferencia presidida pelo Dr. Fernandes Costa, contra os seus hábitos reitorais.

O conferente versava o tema: « *Os Magadaliões* ».

Sua Ex.^a, encerrou a sessão. Ainda bem, aproveitou o momento para meter a sua... espátula.

✱ Consta que Capitolina, no Capitolio, capitulou com o *Ultimo Capitulo* de Gastão de Bettencourt.

E' isto o que nos dizem as *Cartas do Meu Ermo*.

✱ Um professor de Direito, dólico-céfalo e lunatico (usa lunetas) de Coimbra, tendo-se declarado a uma menina da nossa *élite* e tendo-lhe esta pedido 24 horas de pensamento, aquele illustre catedratico, *civilmente*, no dia seguinte, encontrando-a casualmente, desfecha-lhe a pergunta:

« Como vai a nossa questão pendente »?

✱ A nossa sociedade *smart* dará um dinamico *rendez-vous* no salão *fidalgo*.

Consta-nos que a matéria prima a queimar no motor é ... calão, com *chás-e-bande*! ...

Esta mistura desenvolve tal temperatura que os assistentes, por certo, hão-de *aquecer*...

Sempre há misturas cuja manipulação é bem perigosa!

✱ O distinto engenheiro Abel Urbano, vai solicitar da « Comissão de Iniciativa de Turismo » a sua interferencia

para que se coloque no Picoto um vulcão dos que recentemente apareceram na América Central.

Concordamos; e podemos já noticiar que as *demarques* para esse efeito vão por bom caminho — Braga.

✱ A Câmara de Coimbra, está disposta a planificar a cidade, ou elevando a baixa ou arrazando o morro que contem a Universidade. Esta ideia alevantada ou abaixada é da autoria dos vereadores respectivamente, Temido e Costa Cabral.

✱ Fernanda de Castro, Nicolau Tolentino, (advogado dos professores primários), Teixeira de Pascoais, (cantar dos incendios) e Augusto de Castro (poeta enfarinhado), entraram em acordo para farinarem um livro de poesia imaginaria cujo eixo seja o centro da terra e cujo fim: a descida do chouriço d'Elvas.

✱ Anjo (élo) Cesár (romanini imperator versi) e o seu amigo Campos de Figueiredo (o do monoculo cor da erva) por escritura lavrada em *Roma* nas notas do tabeirão de *La Fonseca* (ex-consul substi-bruto castelhaño) acordaram em que o primeiro poderia abrir o « *Jardin Fechado* » mas... não com chave falsa.

✱ João d'Almeida (sem espada ofensiva) e o Barnabé, estão compilando um dicionário de rimas cinematográficas.

✱ «Os gaioleiros». André Brun (un), Marquez de Pombal⁽¹⁾ (al) e Júlio Dantas (pim) vão construir em bases poeticas e sem valor literário os alicerces de Lisboa.

✱ Consta que os terramotos são causados, bem como os desmoronamentos, pela leitura em recitativo, das obras dos poetas modernos.

✱ Realisou-se o primeiro da serie dos concertos de música de Camara. Uma senhora, artista de Coimbra, quiz leva-los á glória!

✱ A sociedade *rose* cá do burgo tentou efectuar um baile para *serrar a velha*.

Sonhou-se uma *soirée* com o quarteto da Garret

(1) O Marquez das Taipas, em Lisboa.

alfacinha, bolos da Santa Rita de Viseu e rebuçados da Faria do Porto.

A inscrição estava computada em trinta escudos para o sexo franzino, solteiro, trinta e cinco para as casadas e quarenta para o sexo forte, qualquer que fosse o estado.

Pires, Pires e Soiza ! . . .

Não se realizou o baile por falta de . . . sala (nova designação de falta de numerario . . .).

Pires, Pires e Soiza !

✱ Consta-nos que se pensa ir ao centro da terra buscar uma aduêla que para lá caíu e que pertencia a um dos melhores políticos.

Quem advinhar o *pai da patria* que a perdeu pode escrever comunicando o nome para o Jornal de Anuncios — Rua do Correio — Coimbra.

✱ Consta-nos que as modistas estão utilizando as «Mantilha de Medronhos». Cautela ! Os medronhos, sem mantilha, embebedam, que fará de . . . mantilha !